

# O basilisco medieval em Harry Potter: História Pública, bestiários e cinema\*

The medieval basilisk in Harry Potter: Public History, bestiaries and cinema

Dandriel Henrique da Silva Borges\*\*

## Resumo

A História Pública é moldada através de um processo onde o presente se apropria e explora memórias de um dado passado. Um processo nem sempre guiado por historiadores, mas também por outros daqueles dispostos a fazê-lo (como cineastas e escritores). A pesquisa elaborada nesse artigo se propõe a analisar como esse processo se (re)apropriou da figura mítica do basilisco através do cinema contemporâneo. Para isso serão analisados dois bestiários medievais que estão em acesso aberto (online), Aberdeen University Library MS 24 (Aberdeen Bestiary) e o Oxford, Bodleian Library MS. Bodley 764, datados entre o final do século XII e a primeira metade do século XIII, além de traduções de seus textos originais latinos para o inglês. A partir deles, serão feitas comparações para com a figura do basilisco no filme Harry Potter e a Câmara Secreta (Chris Columbus, 2002).

Palavras-chave: História pública, Harry Potter, Bestiários.

## Abstract

Public History is shaped by a process where the present appropriates and explores memories of a given past. A process not always guided by historians, but also by those willing to do so (as filmmakers and writers). The research elaborated in this article aims to analyze how this process (re)appropriated the mythical figure of basilisco through contemporary cinema. For this we will analyze two medieval bestiaries that are in open access (online), Aberdeen University Library MS 24 (Aberdeen Bestiary) and the Oxford, Bodleian Library MS. Bodley 764, dating from the late twelfth to the first half of the thirteenth century, as well as translations of their original Latin texts into English. From them, comparisons will be made to the figure of the basilisk in the movie Harry Potter and the Chamber of Secrets (Chris Columbus, 2002).

Keywords: Public history, Harry Potter, Bestiaries.

\* Esse artigo surge de pesquisas realizadas para a elaboração do trabalho final da disciplina História Pública da Idade Média, ministrada no curso de graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no semestre letivo de 2019.1, pelo Professor Doutor Gabriel de Carvalho Godoy Castanho. Essa pesquisa deriva de outra correlata, realizada no semestre letivo de 2018.2, na disciplina de História da Idade Média II, ministrada pelo mesmo professor, resultando num primeiro artigo publicado, focado na figura da fênix (BORGES, 2019). Um segundo artigo, resumido, comparando alguns elementos da primeira publicação, com outros desse artigo aqui, também já foi publicado (BORGES, 2020).

\*\* E-mail: dandriel.henrique@gmail.com

## **Contexto geral: O processo da História Pública e a apropriação da história em diferentes meios**

Definir o que é a História Pública não é um trabalho fácil. Como Jill Liddington argumenta, as possibilidades de significação para esse termo, que ela chega a chamar de “escorregadio”, são variadas (2011, p. 33). Diferentes autores em múltiplos países e épocas abordaram distintas possibilidades de entendimentos sobre História Pública. A mesma autora busca também analisar e comparar como a mesma foi desenvolvida em alguns países: Nos Estados Unidos da América, ela estaria presente desde “meados de 1970” e na atualidade estaria “viva e indo muito bem”, abrangendo “um largo espectro político, que vai dos poderosíssimos monumentos do capital privado [...], até projetos de base, passando por grandes agências federais (2011, p. 34-37)”; Um pouco mais tardia que a anterior, além de crítica a mesma, na Austrália a História Pública “se engajou tanto politicamente quanto na prática, lutando batalhas comunitárias”. Embora ela mantenha um caráter de formação para o mercado formal de trabalho, nesse país então a mesma se apresentará também numa “linha de frente (2011, p. 38)” em questões políticas e sociais; Divergindo dos modelos anteriores, mas com influência australiana desde “meados da década de 1990”, na Grã-Bretanha a História Oral vai ganhar certo protagonismo dentro da História Pública, assim como as autobiografias (2011, p. 41-42).

No Brasil, segundo Rodrigo Ferreira, o marco inicial para o surgimento do debate sobre História Pública se encontraria no ano de 2011, com a criação do Curso de Introdução à História Pública, na Universidade de São Paulo (USP). No ano seguinte, já ocorreria o I Simpósio Internacional de História Pública, também na USP e, em 2013, seria então criada a Rede Brasileira de História Pública (RBHP). Derivados dessas iniciativas, aflorariam diferentes eventos sobre o tema no decorrer dos últimos anos, além das discussões sobre História Pública se fazerem presentes também em eventos de diferentes enfoques historiográficos (FERREIRA, 2018, p. 30).

Nesse contexto a História Pública vai cada vez mais sendo construída enquanto um processo plural através do qual o presente se apropria e explora memórias de um dado passado. Nem sempre protagonizadas por historiadores, mas sendo realizada também por outros dispostos a construí-la (como escritores, jornalistas e cineastas). Sendo essencial para os entendimentos que as diferentes populações teriam sobre o passado, seja o de seu coletivo ou de outros (LIDDINGTON, 2011, p. 46-50).

Essa diversidade de atores tem distintos efeitos. Nem sempre comprometidos com altos rigores científicos (LIDDINGTON, 2011, p. 48-49), acabariam não sendo raras as produções, escritas ou audiovisuais, que executariam composições históricas destoantes daquelas que as mais atualizadas bibliografias e discussões historiográficas defenderiam. Ainda assim, mesmo sem uma considerável fidedignidade historiográfica, aspectos do passado encontram presença, de alguma forma, nessas produções.

Pensando especificamente sobre o cinema, já na década de 1970, Marc Ferro defendia que filmes estariam para além da obra de arte, sendo capazes de romper as próprias barreiras

da sétima arte na qual são colocados. Mostrando-se então enquanto um reflexo de tudo aquilo que testemunham (1995, p. 203). Uma obra cinematográfica seria então capaz de nos revelar aspectos do tempo em que foi feita, assim como da mentalidade daqueles que estão por traz da sua construção e realização. O cinema então poderia se conceber enquanto uma fonte para a historiografia.

Por sua vez, Robert Rosenstone numa recente, mas já muito relevante obra sobre o tema, *A história nos filmes, os filmes na história*, a qual dialoga com Ferro, argumenta que, diferente de uma produção propriamente historiográfica, o cinema não é construído com base numa metodologia que uniformize suas regras de produção. Ainda assim, as obras cinematográficas manteriam "vestígios do passado", os quais poderiam contribuir para o saber histórico (2010, p. 54). Os filmes representariam assim uma forma, midiática, de algumas das relações dos seres humanos com a história, principalmente na forma do passado. Ou melhor, de aspectos e interpretações evocados sobre o passado.

Em concordância com argumentações de autores como Ferro e Rosenstone, Francisco Santiago Júnior escreve que:

O filme não precisa propor como narrativa explicitamente histórica para que o senso de passado esteja presente. Se o sentido de passado é construído em narrativas e imagens, isso significa que o discurso não precisa ser dotado ele próprio de intenção de encenar o passado, embora possa fazê-lo. A espessura de tempo de uma imagem cinematográfica pode vir de seu diálogo com outras imagens e discursos de história pública que permitem a indexação da historicidade no filme (SANTIAGO JÚNIOR, 2018, p. 52).

As narrativas, no caso cinematográficas, não precisariam então proporem explicitamente a construção de uma narrativa com uma composição histórica. Segundo Santiago Júnior, o discurso histórico não depende de intenção para que seja reproduzido, mesmo que não em plenitude, ou seja, mesmo que sem plena fidedignidade historiográfica, o passado pode ser encenado. Através dos diálogos narrativos característicos da própria sétima arte, com elementos da História Pública, que então surgiria historicidade no cinema.

Partindo dessa ótica, esse trabalho pretende abordar, como uma dada besta fantástica, nomeada de basilisco, era entendida no imaginário do medievo europeu ocidental (séc. XII – XIII) e como esse processo que nomeamos de História Pública se apropriou dessa memória de um passado coletivo e a reconstruiu na contemporaneidade através do cinema.

Para isso serão usados dois bestiários, manuais escritos e ilustrados com iluminuras que abordavam desde animais e bestas (principalmente), até plantas e minerais, com um usual tom moralizante. O primeiro, sob registro de: Aberdeen University Library, **Univ. Lib. MS 24**<sup>1</sup> e o segundo: Bodleian Library, **MS. Bodley 764**<sup>2</sup>. Ambos datados entre o final do século XII e a primeira metade do século XIII, se encontram hoje em acesso aberto, disponíveis para consulta gratuita (online). Para analisar como o basilisco foi reapropriado pelo cinema contemporâneo,

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.abdn.ac.uk/bestiary/>. Acesso em 08/07/2020.

<sup>2</sup> Disponível em: [https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript\\_1750](https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_1750). Acesso em 08/07/2020.

serão referenciadas cenas do filme *Harry Potter e a Câmara Secreta* (Chris Columbus, 2002), segundo filme da saga cinematográfica Harry Potter, iniciada em 2001 e finalizada em 2011.

### A origem do basilisco

O professor Robert McNeill Alexander (1934 – 2016), renomado zoologista britânico, se debruçando na história e na literatura antiga e medieval escreveu um artigo em 1963 que destoa de boa parte de suas demais produções. Ao invés de abordar algum animal real, optou por estudar a “evolução”<sup>3</sup> da figura mítica do basilisco em *The Evolution of the Basilisk*. Nele defende que a história dessa besta teria sido primeiramente narrada pelo poeta grego Nicandro de Cólofon (séc. II A.E.C.<sup>4</sup>), em sua obra *Theriaca*. Seria, porém, a versão do mito escrita por Isidoro de Sevilha (560 – 636 E.C.<sup>5</sup>), em seu *Etymologiae*, aquela a se popularizar no medievo, principalmente em escritos feitos entre os séculos IX à XV E.C., inclusive em bestiários ingleses (ALEXANDER, 1963, p. 170-175), como os que serão analisados nesse artigo.

Nicandro nos traria uma versão da besta com apenas 9 centímetros, possuidora de um veneno mortal, capaz de matar mesmo seres humanos que apenas encostassem em uma vítima envenenada. Alexander defende que a descrição de Nicandro poderia muito bem derivar de cobras reais (1963, p. 170).

A descrição de Isidoro é, provavelmente, a que baseou os bestiários que aqui serão analisados. Em seu *Etymologiae* já vemos o conjunto de características que abordaremos nas próximas páginas, como: Matar através do olhar, pelo odor, pelo sibilo, assim como ser derrotado pela doninha, queimar com a respiração e ter um pequeno porte, dentre outros aspectos mais (ISIDORO, 2006, p. 255).

Buscando trazer a realidade por trás do mito, Alexander identifica na *Naja haje* (Naja-egípcia), “modificada pelo seu uso simbólico no antigo Egito (1963, p. 171, tradução nossa)”<sup>6</sup>, a origem da ideia do mítico basilisco. Muito perigosa, conhecida pelo sibilo repetitivo, essa cobra é vítima de mangustos, tal qual a própria doninha. E, mais além, essa cobra cospe veneno sendo capaz, inclusive, de atingir o rosto de uma pessoa. Se o rosto de um ser humano é atingido por esse veneno e o mesmo entrar na corrente sanguínea a partir dos vasos sanguíneos presentes nos olhos da vítima, essa pessoa acaba por correr graves riscos de saúde (quicá de morte). Provavelmente em tempos de medicina menos avançada, como na época em que o mito do basilisco fora desenvolvido, tal veneno acabasse gerando uma taxa de mortalidade maior do que na contemporaneidade.

Alexander associa o veneno lançado por najas em direção aos olhos de pessoas como uma possível origem da descrita habilidade do basilisco de matar com o olhar. O autor ainda

---

<sup>3</sup> O termo “evolução” presente no título pode ter uma dupla significação. De um lado a ‘evolução’ temporal do mito analisado e, do outro, num viés mais “cômico”, como se o basilisco fosse um ser real que passasse ou tivesse passado por um processo de ‘evolução’ enquanto espécie.

<sup>4</sup> Antes Era Comum ou A.E.C. é cronologicamente equivale à Antes de Cristo ou A.C.

<sup>5</sup> Era Comum ou E.C. é cronologicamente equivale à Depois de Cristo ou D.C.

<sup>6</sup> “modified by its symbolic use in ancient Egypt”.

aborda os *uraeus*, adornos em formato de cobra, presentes em coroas (de faraós e deuses) e amuletos do Antigo Egito, como outra possível fonte de inspiração para algumas das representações do basilisco. Segundo ele, desses adornos poderia derivar a ideia do pequeno tamanho do basilisco em certas versões do mito, como na citada *Theriaca* de Nicandro. A respiração ardente ou ígnea, por sua vez, encontraria relação com cobras associadas a ideia do submundo Egípcio (ALEXANDER, 1963, p. 171-174).

### **O basilisco em bestiários medievais: Parte galo, parte cobra, uma besta mortal**

A figura mítica do basilisco aparecera no decorrer da Idade Média em diferentes bestiários. Dois desses, ambos manuscritos escritos em latim, datados entre o final do século XII e a primeira metade do século XIII, terão aqui traduções para o inglês, além de suas figuras originais analisadas e comparadas. O primeiro, parte do acervo da *Aberdeen University Library (University of Aberdeen)*, localizada em Aberdeen, na Escócia, Reino Unido, sob código de registro **Univ. Lib. MS 24**, é o *Aberdeen Bestiary*, disponibilizado para consulta online gratuita pela própria instituição, num portal que contém ainda comentários, descrições das ilustrações, transcrições do texto original em latim, assim como sua tradução para o inglês<sup>7</sup>. O segundo faz parte do acervo da *Bodleian Library (University of Oxford)*, localizada em Oxford, na Inglaterra, Reino Unido, sob código de registro **MS. Bodley 764**, não possuindo um “título” para além de “bestiário”, será referenciado aqui pelo citado código. Suas páginas originais também estão disponíveis para consulta gratuita, fornecidas pela instituição que lhes detêm<sup>8</sup>. A tradução deste para o inglês, tida como referência aqui, será a que foi realizada por Richard Barber em seu *Bestiary: Being an English Version of the Bodleian Library, Oxford M.S. Bodley 764*, cuja publicação original data de 1992.

Ambos os bestiários apresentam narrativas bastante semelhantes sobre a figura mítica do basilisco. Nos dois casos, logo na primeira frase, somos apresentados ao fato do nome da besta em grego, *regulus*, significar ‘pequeno rei’, por ele ser o “rei das coisas rastejantes (ABERDEEN..., 2015, fólio 66R, tradução nossa<sup>9</sup>; BARBER, 1999, p. 184, tradução nossa<sup>10</sup>)”. A partir dessa constatação, se torna possível então compreender a representação da figura do basilisco presente no fólio 93V do MS. Bodley 764<sup>11</sup>. Temos então a besta, em sua cabeça há o que pode ser uma coroa ou uma crista cujo formato lembra uma coroa. Ele está sobre um galho elevado, abaixo e na sua frente se encontram três cobras. O basilisco então retratado como rei e as cobras, seres rastejantes, seus súditos.

---

<sup>7</sup> Aberdeen Bestiary disponível em: <https://www.abdn.ac.uk/bestiary/>

<sup>8</sup> MS Bodley 764 disponível em: [https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript\\_1750](https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_1750)

<sup>9</sup> “its is the king of crawling things”.

<sup>10</sup> “he is the king of creeping things”.

<sup>11</sup> Disponível para visualização através do link: <https://digital.bodleian.ox.ac.uk/inquire/Discover/Search/#/?p=c+0,t+,rsrs+0,rsps+10,fa+,so+ox%3Asort%5Easc,scids+,pid+e6ad6426-6ff5-4c33-a078-ca518b36ca49,vi+70725710-850f-42ad-bcc6-b78c2f99a390>. Acessado em 08/07/2020.



Começam então a serem descritas habilidades do basilisco, como um odor que pode matar. Enquanto no *Aberdeen Bestiary*, esse odor é descrito com algo que faz as coisas rastejantes “fugirem quando o vissem (ABERDEEN..., 2015, fólio 66R, tradução nossa)”<sup>12</sup>, no MS. Bodley 764 temos uma afirmação mais geral que dificulta sabermos se o tal aconteceria com todos aqueles que vissem o basilisco ou apenas os seres rastejantes (BARBER, 1999, p. 184)<sup>13</sup>. Por outro lado, ambos os manuscritos utilizados concordam quanto a besta “matar um homem apenas com um olhar (ABERDEEN..., 2015, fólio 66R, tradução nossa<sup>14</sup>; BARBER, 1999, p. 184, tradução nossa<sup>15</sup>)”. Nem mesmo um pássaro passaria ileso pelo olhar do basilisco, pois seria “queimado e devorado em sua boca (ABERDEEN..., 2015, fólio 66R, tradução nossa)<sup>16</sup>”, segundo o *Aberdeen Bestiary* ou “consumido à distância por sua respiração ardente e depois engolido (BARBER, 1999, p. 184, tradução nossa)<sup>17</sup>”, de acordo com o MS. Bodley 764.

Num claro elemento cristão, ambos os bestiários nos trazem que “o Criador”, invocando a figura de um Deus único criador de todas as coisas, nada teria feito sem que houvesse uma solução (ABERDEEN..., 2015, fólio 66V<sup>18</sup>; BARBER, 1999, p. 184<sup>19</sup>). Sendo o “conquistador”, aquele capaz de derrotar o basilisco, a doninha. Homens então colocariam doninhas, ora “nos buracos (ABERDEEN..., 2015, fólio 66V, tradução nossa)<sup>20</sup>, ora “nas cavernas (BARBER, 1999, p. 184, tradução nossa)<sup>21</sup> onde viveria a besta. O basilisco “vê a doninha, foge, mas ela o persegue e o mata (ABERDEEN..., 2015, fólio 66V tradução nossa<sup>22</sup>; BARBER, 1999, p. 184, tradução nossa<sup>23</sup>)”. Essa narrativa da “conquista” é ilustrada pela figura presente no fólio 66R do

<sup>12</sup> “flee when they se it”.

<sup>13</sup> “Those who see him flee, because his scent will kill them”.

<sup>14</sup> “kill a man just by looking at him”.

<sup>15</sup> “kill a man simply by looking at him”.

<sup>16</sup> “burnt up and devoured in its mouth”.

<sup>17</sup> “consumed at a distance by his fiery breath and then swallowed”.

<sup>18</sup> “For the Creator has made nothing without a remedy”.

<sup>19</sup> “For the Creator of all things has made nothing for which there is not an antidote”.

<sup>20</sup> “into the caves”.

<sup>21</sup> “in the holes”.

<sup>22</sup> “seeing the weasel, flees; the weasel pursues and kills it”.

<sup>23</sup> “sees the weasel, he flees, but the weasel pursues him and kills him”.

*Aberdeen Bestiary*<sup>24</sup> onde há o basilisco curvado, estando sobre ele a doninha que ataca seu pescoço. Para além dos bestiários, vale ser esclarecido que a doninha não é um ser fantástico, mas sim um pequeno mamífero real, o qual possui em sua dieta, dentre outros animais, cobras peçonhentas (venenosas).



As descrições sobre a aparência do basilisco são bastante semelhantes. Em ambos os bestiários, ele é descrito como tendo “meio metro de comprimento”, porém enquanto no *Aberdeen Bestiary* é afirmado que ele possuiria “listras brancas (ABERDEEN..., 2015, fólio 66V, tradução nossa)”<sup>25</sup>, no MS. Bodley 764 são descritas, não listras, mas sim “manchas brancas (BARBER, 1999, p. 184, tradução nossa)”<sup>26</sup>. Ao se analisarem as ilustrações são percebidas criaturas não completamente diferentes, mas ainda sim possuem algumas discordâncias. No fólio 66R do *Aberdeen Bestiary*<sup>27</sup>, o basilisco ilustrado tem o dorso, a calda, as duas patas e uma crista alaranjadas, além de um bico, todo azul, e asas também quase inteiramente azuis. Já no fólio 93R do MS. Bodley 764<sup>28</sup> temos a figura da besta sem o bico, mas com uma espécie de focinho ou rosto mais alongado. Nesse caso o corpo quase inteiro, com exceção das asas e da crista cujo formato lembra o de uma coroa (ou quiçá, seja uma coroa em sua cabeça), as quais são averdeadas, o resto permanece alaranjado. Ainda assim, vale ressaltar que há o que pode ser interpretado como listras brancas em toda a criatura.

Nos é narrado que o basilisco prefere habitar ambientes secos. Não obstante, ele poderia se deslocar para a água e lá chegando, ora “morde” alguém, tornando “essa pessoa hidrofóbica e a enlouquecendo (ABERDEEN..., 2015, fólio 66V, tradução nossa)”<sup>29</sup>, segundo o *Aberdeen*

<sup>24</sup> Disponível para visualização através do link: <https://www.abdn.ac.uk/bestiary/ms24/f66r>. Acessado em 08/07/2020.

<sup>25</sup> “with white stripes”.

<sup>26</sup> “with white spots”.

<sup>27</sup> Disponível para visualização através do link: <https://www.abdn.ac.uk/bestiary/ms24/f66r>. Acessado em 08/07/2020.

<sup>28</sup> Disponível para visualização através do link: <https://digital.bodleian.ox.ac.uk/inquire/Discover/Search/#/?p=c+0,t+,rsrs+0,rsps+10,fa+,so+ox%3Asort%5Easc,scids+,pid+e6ad6426-6ff5-4c33-a078-ca518b36ca49,vi+70725710-850f-42ad-bcc6-b78c2f99a390>. Acessado em 08/07/2020.

<sup>29</sup> “bite (...) make that person hydrophobic and send them mad”.

*Bestiary*, ora envenenando a água em si “para que aqueles que a beberem tenham hidrofobia e sejam atingidos pelo pânico (BARBER, 1999, p. 184-185, tradução nossa)”<sup>30</sup>, de acordo com o MS. Bodley 764. Hidrofobia, palavra de origem grega, está relacionada ao medo, pânico ou aversão a água, o que é um dos sintomas da doença que é nomeada por essa palavra. Representando a morte de quase a totalidade dos infectados até o final do século XIX, a raiva humana, ou hidrofobia, é uma doença que ataca o sistema nervoso, podendo acarretar diferentes “fobias” nos infectados, antes de um quadro de “síndrome paralítica generalizada, que evolui para coma e morte por parada respiratória (BRUNA, 2017)”. O “enlouquecimento” descrito pelos bestiários pode ser facilmente associável aos sintomas da raiva humana conforme o vírus deteriora o sistema nervoso do hospedeiro. Essa doença pode ser transmitida, dentre outros modos, pela mordida de diferentes animais domésticos e silvestres.

No fim da parte onde os bestiários se interseccionam, é descrita então mais uma forma que a figura do basilisco tem para matar as suas vítimas. Nos trazendo que outro nome da besta, ao afirmar, conforme o *Aberdeen Bestiary*, que “a criatura chamada sibilus é o mesmo que o *regulus* ou basilisco; pois mata com o sibilo antes de morder ou queimar (ABERDEEN..., 2015, fólio 66V, tradução nossa)”<sup>31</sup>. De modo bastante semelhante no MS. Bodley 764, é afirmado que “a cobra sibilante é a mesma que o *regulus*, matando pelo seu sibilo antes que ele morda ou chamusque (BARBER, 1999, p. 185, tradução nossa)”<sup>32</sup>.

A parte sobre o basilisco do *Aberdeen Bestiary* já foi completamente analisada, assim como a parte equivalente presente no MS. Bodley 764. Ainda assim, na tradução desse segundo, feita por Barber, nos é trazido ainda mais um trecho:

Mas o basilisco significa o mal, que abertamente mata o pecador descuidado com seu veneno; ele mesmo é conquistado, como todas as outras criaturas nocivas, pelo soldado de Cristo que põe toda a sua esperança no Senhor, cujo poder supera e espezinha todas as forças hostis. Disto também o profeta diz nos Salmos: 'Pisarás na víbora e no basilisco; o jovem leão e o dragão pisotearão' [91:13]. Isso representa o poder divino, que domina muitas criaturas selvagens. Todos esses nomes são apropriadamente concedidos ao diabo. Ele é uma víbora quando golpeia secretamente; um basilisco quando ele espalha seu veneno ao exterior; um leão quando ele persegue o inocente; um dragão quando em sua ganância do mal ele engole o desatento. Mas, verdadeiramente, na vinda gloriosa de nosso Senhor, todas as criaturas estarão sujeitas a Seus pés. Somente ele era forte o suficiente para subjugar essas ferozes criaturas, que é coeterno e consubstancial ao Pai em Sua divindade. Se traçarmos essas coisas na pregação dos santos pais, para que não sejamos desviados por quaisquer hereges ou loucos depravados, cada um desses dizeres é verdadeiro (BARBER, 1999, p. 185, tradução nossa)<sup>33</sup>.

---

<sup>30</sup> “who drink get hydrophobia and are struck with panic”.

<sup>31</sup> “the creature called sibilus is the same as the regulus, or basilisk; for it kills with its hiss before it bites or burns”.

<sup>32</sup> “The hissing snake is the same as the regulus, killing by his hissing before he bites or scorches”.

<sup>33</sup> “But the basilisk signifies the devil, who openly kills the heedless sinner with his venom; he himself is conquered, like all other harmful creatures, by the soldier of Christ who puts all his hope in the Lord, whose power overcomes and tramples underfoot all hostile forces. Of this too the prophet says in the Psalms: 'Thou shalt tread upon the asp and basilisk; the young lion and the dragon shalt thou trample underfoot' [91:13]. This represents divine power, which holds sway over

Embora o basilisco seja bem menos usado do que outras bestas enquanto um instrumento de moralização, esse caráter pode aparecer em manuscritos, como nesse caso (ALEXANDER, 1963, p. 1963). Esse tipo de fragmento é útil para ilustrar como as relações binárias de bem/mal e pecado/salvação são apresentadas em bestiários medievais sobre uma espécie de disfarce de guias espirituais (SYME, 1999, p. 163,174). E isso num contexto, espacial e temporal, no qual as fronteiras entre o espiritual e o material, assim como entre o indivíduo e o mundo, eram muito nebulosas na mentalidade popular (FRANCO JÚNIOR, p. 143-145).

Diferente do resto já explorado e comparado com o *Aberdeen Bestiary*, no último trecho citado do MS. Bodley 764 temos a associação direta da do basilisco para como uma representação do mal e da figura do Diabo em si. É explorada a contraposição entre o basilisco, uma criatura nociva que mataria aqueles que fugissem do caminho direcionado pela doutrina cristã, ou seja, pecadores, e o “soldado de Cristo”, o verdadeiro fiel, que ao acreditar verdadeiramente em “Cristo”, descrito como um ser de poder superior a todos “as forças hostis”, teria então força para sobrepujar aquilo que era tido como “o mal”.

No decorrer dessa narrativa, que em seu caráter moralizante parece buscar servir de instrumento ou prova para a crença cristã, são então reforçados os valores e forças que o clero cristão medieval buscava e idealizava para com suas “ovelhas”, seus fiéis. Essa representação do mito do basilisco poderia então servir como instrumento de conversão ou prova da força de “Cristo” para facilitar o trabalho do clero para com a conversão da população (leiga), em geral. Tomando da fantasia mitológica presente em certos povos e a readaptando de modo a ser útil para a Igreja. Através disso também pode ser percebida a relação na qual, assim como afirma Alison Syme “o tema da animalidade/humanidade é análogo à antítese profano/sagrado consistentemente apresentada pelos textos bestiários por meio de metáforas de animais (SYME, 1999, p. 174, tradução nossa)”<sup>34</sup>.

### **O basilisco em Harry Potter: A reapropriação da besta no cinema contemporâneo**

A História Pública no cinema tem um papel especial, pois é através da sétima arte que muitos terão contato com as mais variadas narrativas. Dentre esses, mais ainda serão aqueles que não buscarão em fontes científicas ou nem acesso a essa possibilidade terão. Tamanho é o papel do cinema quando percebemos, como já exposto nessa pesquisa, que os filmes nem precisam se propor a terem uma narrativa histórica (científica), para que ao menos fragmentos da mesma possam ser encontrados e analisados (SANTIAGO JÚNIOR, 2018, p. 52).

---

so many savage creatures. All these names are aptly bestowed on the devil. He is an asp when he strikes secretly; a basilisk when he spreads his poison abroad; a lion when he pursues the innocent; a dragon when in his evil greed he swallows the heedless. But, truly, at the glorious coming of our Lord, all creatures will lie subject at His feet. He alone was strong enough to subdue these fierce creatures, who is coeternal and consubstantial with the Father in His divinity. If we trace these things in the preaching of the holy fathers, so that we are not led astray by any depraved heretics or madmen, every one of these sayings is true”.

<sup>34</sup> “the theme of animality/humanity is analogous to the unholy/holy antithesis consistently posed by the bestiary texts by way of animal metaphors.”

Um dos maiores exemplos de sucesso de franquia e fenômeno cultural da contemporaneidade é o caso da saga Harry Potter. A qual foi originada pelos setes livros de J. K. Rowling<sup>35</sup> (cujas primeiras edições foram publicadas entre 1997 e 2007), sendo transformados em oito filmes, na saga iniciada por *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (Chris Columbus, 2001) e finalizada em *Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 2* (David Yates, 2011), também possuindo uma infinidade de outros bens comerciais. O sucesso fora tamanho que, em 2016, o valor de Harry Potter enquanto marca era estipulado em vinte e cinco bilhões de dólares, enquanto a fortuna pessoal da criadora dos livros fora estipulado em mais de um bilhão de dólares, tornando-a a escritora mais rica do mundo (MEYER, 2016).

Uma das possibilidades para que filmes tenham contato com narrativas históricas, mesmo sem a intenção, é quando há a utilização de figuras míticas. Ainda que se baseiem em narrativas orais despreziosas ou outros tipos de narrativas não científicas, não são raros elementos que se interseccionam com a história mais acadêmica e embasada na historiografia.

Intencionalmente ou não, primeiramente Rowling ao trabalhar em seus livros e, num segundo momento, a equipe responsável pela realização do filme aqui analisado, ao transformarem e adaptarem as palavras da autora em personagens de cinema, fizeram uso de algumas criaturas não plenamente originais. Parte das quais, possuidoras de narrativas, no mínimo, centenárias. Ao fazerem isso, contribuíram para toda uma nova (re)construção sobre como o imaginário popular passaria a entender essas bestas. Exemplos de seres em tais situações seriam a fênix e o basilisco, estando no segundo o enfoque desse trabalho<sup>36</sup>.

A figura do basilisco é retratada no segundo filme da saga cinematográfica, *Harry Potter e a Câmara Secreta* (Chris Columbus, 2002)<sup>37</sup>. Esse longa-metragem contou com direção de

---

<sup>35</sup> Joanne Kathleen Rowling (1965–) é escritora, roteirista e produtora de cinema, nascida na Inglaterra. Desde a publicação dos setes livros infanto-juvenis de fantasia que compõem a saga Harry Potter - *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (1997), *Harry Potter e a Câmara Secreta* (1998), *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (1999), *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2000), *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003), *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (2005) e *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (2007) -, Rowling já publicou outras obras, algumas relacionadas a franquia, sendo um dos mais conhecidos *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada* (2016), derivado de uma peça que traz de volta personagens da saga Harry Potter, dezenove anos após os acontecimentos de *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. A autora também já publicou cinco direcionados para o público adulto, *Morte Súbita* (2012), *O Chamado do Cuco* (2013), *O Bicho-da-Seda* (2014), *Vocação Para o Mal* (2015) e *Branco Letal* (2018), a maioria desses são romances policiais. Na televisão foi produtora executiva de uma minissérie e uma série, baseadas nesses seus livros para o público adulto. Foi também produtora dos dois últimos filmes da saga Harry Potter, responsáveis por adaptarem o último livro: *Harry Potter e as Relíquias da Morte - Parte 1* (David Yates, 2010) e *Harry Potter e as Relíquias da Morte - Parte 2* (David Yates, 2011). Está em andamento uma nova saga cinematográfica baseada em um dos livros complementares da franquia Harry Potter, chamado *Animais Fantásticos e Onde Habitam* (2001). Nos dois filmes que já estrearam, *Animais Fantásticos e Onde Habitam* (David Yates, 2016) e *Animais Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald* (David Yates, 2018), Rowling atuou não só como produtora, mas também como roteirista.

<sup>36</sup> Para uma análise semelhante à desse artigo, só que focada na figura da fênix, conferir: BORGES, 2019.

<sup>37</sup> As referências bibliográficas sobre os filmes abordados nesse artigo tomaram como base o catálogo do American Film Institute. Disponível em: <https://catalog.afi.com>. Acesso em: 08/07/2020. Ainda assim, se optou por deixar o título dos filmes, o nome de alguns dos

Chris Columbus, produção de David Heyman e roteiro de Steve Kloves. Sua produção começou em 2001, sendo lançado em 2002. Com um orçamento de 100 milhões de dólares, teve uma bilheteria de mais de 878 milhões de dólares. Embora seja a segunda menor bilheteria dentre os oito filmes da saga, na época que foi lançado bateu recordes de arrecadação (GRAY, 2002). Assim como todos os demais filmes da saga, *Harry Potter e a Câmara Secreta* é estrelado por Daniel Radcliffe como Harry Potter, Rupert Grint como Rony Weasley e Emma Watson como Hermione Granger. Esse segundo filme, tido como mais “dramático e sombrio” que seu predecessor, teve uma recepção majoritariamente positiva pela crítica. Aspectos negativos do longa, elencados por críticos, seriam a longa duração (161 minutos) e um ritmo pouco dinâmico (McCARTHY, 2002; SCOTT, 2002; TURAN, 2002).

Na obra analisada, os primeiros contatos que os espectadores e o personagem principal da trama, o próprio Harry Potter, tem ainda indiretamente com a besta é por meio de palavras que apenas Harry escuta, em certos momentos, advindas de dentro das paredes do castelo de Hogwarts, onde estuda<sup>38</sup>. No decorrer desse filme, descobrimos que apenas o protagonista compreende essas falas por elas serem ditas em “língua de cobra”, por sibilos, que apenas ofidioglotos (termo que nesse universo fantástico designa os falantes da citada língua), poderiam entender. Numa primeira constatação, é percebido que o sibilo do basilisco, que nos bestiários da Idade Média estudados era descrito como algo mortífero, no filme não possui a mesma potência.

A criatura então começa a fazer vítimas, não fatais, mas apenas petrificadas, o que não é uma habilidade descrita nos bestiários analisados. Com o avançar do filme, somos apresentados a uma espécie de lenda presente na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, onde boa parte dos filmes da saga se passam, que é o local onde os protagonistas estudam. Na aula de Transfiguração que a Professora Minerva McGonagall ministrava para seus alunos do segundo ano ela relata sobre a citada lenda: Dentre os quatro fundadores daquela escola, Godric Grifinória, Helga Lufa-Lufa, Rowena Corvinal e Salazar Sonserina, o último defendia ideais de que somente alunos de “sangue puro”, ou seja, advindos de famílias formadas inteiramente por bruxos<sup>39</sup>, deveriam ter a possibilidade de ingressar em Hogwarts. Devido às divergências com os outros fundadores, Salazar Sonserina teria deixado a escola, mas não sem antes criar uma “Câmara Secreta” (que dá nome ao filme), a qual só poderia ser aberta por um “legítimo herdeiro”, capaz de controlar o “monstro” que lá vivia e, ao fazer isso, iria “expurgar” a escola de todos aqueles tidos por Sonserina como “indignos de estudar magia”, ou seja, indivíduos tidos como mestiços por não possuírem o “sangue puro” idealizado. Essa lenda se basearia em acontecimentos datados de mais de mil anos antes da época em que se passa a corrente narrativa do filme.

Tempos depois Hermione Granger, outra aluna do segundo ano, amiga de Harry é também petrificada. Ele e seu outro amigo, Ronald “Rony” Weasley, descobrem um pedaço de

---

personagens e/ou alguns seres/objetos mágicos tal qual foram adaptados para a versão brasileira devido a ampla popularidade dessas nomenclaturas dentro do Brasil.

<sup>38</sup> Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts

<sup>39</sup> Os não bruxos são chamados de “trouxas” no filme

papel na mão da amiga que relatava sobre a besta chamada basilisco, monstro que até então ainda não aparecera diretamente na trama. Esse ser é então descrito como uma das bestas mais mortais que vagavam pelas terras, podendo viver por centenas de anos, sendo apresentado como uma serpente gigante capaz de matar com o olhar e temida pelas aranhas que fugiriam dela. A expectativa de vida conduziria ao tempo que a besta teve de sobreviver na Câmara Secreta e as aranhas a temerem é algo que acontece no filme. Ainda assim, nenhum desses fatores tem algum paralelo que os justifique em nenhum dos bestiários ou demais fontes utilizadas nesse artigo.

Sobre o olhar mortífero não ter matado nenhuma das vítimas que foram petrificadas os garotos deduzem que isso aconteceu por nenhum desses personagens terem feito contato direto com o basilisco: A gata Madame Nora o teria visto pelo reflexo na água no chão, Colin Creevey o teria visto através da lente de sua câmera fotográfica, Justino Finch-Fletchley teria visto a besta através do corpo (transparente) do fantasma conhecido como Nick Quase-Sem-Cabeça e Hermione teria olhado o reflexo do basilisco em seu espelho. Dois casos seriam diferentes: Primeiro o do já citado fantasma que ficara paralisado ao olhar diretamente para o monstro. Ele não poderia morrer (de novo), visto que enquanto fantasma, já se encontrava morto. Segundo, o único caso de morte, narrado por aquela que se encontrava também enquanto fantasma no período em que o filme é narrado, Murta Que Geme. No seu último dia de vida, décadas antes da geração de estudantes que se encontravam naquele momento em Hogwarts, ela teria olhado nos olhos da besta, morrendo assim tão rápido que nem entendera exatamente o que a tinha matado. É perceptível então que mantiveram como habilidade do basilisco o seu olhar mortal, capaz de matar humanos instantaneamente, presente tanto no *Aberdeen Bestiary* quanto no MS. Bodley 764, embora tenham adaptado as limitações das potencialidades desse olhar quando observado através de reflexos ou de outros objetos/planos.

No final do filme, quando Harry já está confrontando o antagonista, na figura da memória de Tom Riddle/Lord Voldemort, o qual é capaz de controlar a besta, aparece então o basilisco. A besta é retratada, como no pedaço de papel que Harry e Rony tiveram acesso, enquanto uma cobra gigante de cor escura, possuidora de uma cabeça alongada com uma espécie de crista, olhos amarelos e uma boca repleta de presas. O basilisco em Harry Potter tem uma aparência bastante distinta daquela narrada e ilustrada nos bestiários:

- Muito além do meio metro de comprimento descrito em ambos os bestiários estudados, o monstro do filme não tem um tamanho especificado, mas é muitos metros maior do que qualquer dos humanos com os quais divide cenas;
- Não há manchas ou listras brancas;

- Não há as asas, patas como presente nas duas imagens analisadas, no fólio 93V do MS. Bodley 764<sup>40</sup> e no fólio 66R do *Aberdeen Bestiary*<sup>41</sup>, nem o bico presente nesse segundo;
- Mesmo a crista que aparece no monstro do filme é destoante da presente nas figuras dos bestiários, parecendo mais um conjunto de protuberâncias ósseas sobre sua cabeça.



A escolha da aparência do basilisco em Harry Potter parece ter privilegiado os aspectos de cobra em relação aos aspectos físicos parciais de galo, usuais nos basiliscos dos bestiários do medievo (como naqueles analisados por esse artigo), de modo a talvez melhor relacioná-lo ao seu criador Salazar Sonserina, cujo símbolo, tanto seu quanto da Casa<sup>42</sup> criada por ele, que leva seu nome em Hogwarts, é uma cobra, e também ao próprio Tom Riddle/Lord Voldemort que fora um aluno de tal escola, pertencente da Casa de Sonserina e, assim como Salazar, também era falante da “língua das cobras”, ou seja, também era ofidioglota.

O grande tamanho é um fator consideravelmente destoante. Mesmo em bestiários divergentes dos analisados aqui, sejam mais antigos ou mais novos, o basilisco não é retratado como uma criatura de grande porte. Por vezes é inclusive reforçado que seu poder não dependia de seu tamanho (ASHTON, 1890, p. 317-319). Como apontado anteriormente, Alexander levanta a hipótese das usuais descrições do basilisco como um ser de pequeno porte derivarem de interpretações baseadas nos tamanhos das próprias *uraeus* das coroas do antigo Egito (ALEXANDER, 1963, p. 173). A reprodução de uma besta grande e, até mesmo as incontáveis presas podem ter sido colocadas para reforçar seu horror na representação cinematográfica.

---

<sup>40</sup> Disponível para visualização através do link: <https://digital.bodleian.ox.ac.uk/inquire/Discover/Search/#/?p=c+0,t+,rsrs+0,rsps+10,fa+,so+ox%3Asort%5Easc,scids+,pid+e6ad6426-6ff5-4c33-a078-ca518b36ca49,vi+70725710-850f-42ad-bcc6-b78c2f99a390>. Acessado em 08/07/2020.

<sup>41</sup> Disponível para visualização através do link: <https://www.abdn.ac.uk/bestiary/ms24/f66r>. Acessado em 08/07/2020.

<sup>42</sup> Logo que um novo aluno chega em Hogwarts ele é selecionado para uma das quatro Casas (Grifinória, Sonserina, Lufa-Lufa e Corvinal), inspiradas pelos quatro fundadores da escola. Nelas são divididos os alunos da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, de acordo com suas personalidades.



Por mais destoantes que possam parecer, as descrições nos bestiários sobre manchas ou listras brancas e a da coroa (ou crista em forma de coroa) podem estar correlacionadas. Alexander associa a descrição de “uma marca branca semelhante a uma coroa na cabeça do basilisco”, presente na descrição de Plínio (23 – 79 A.E.C.) sobre a besta, a discos solares e coroas, as quais também apareciam nos *uraeus*<sup>43</sup> (ALEXANDER, 1963, p. 173), já citadas possíveis fontes para as primeiras descrições do basilisco. No decorrer das reproduções e o desenvolvimento de novas versões do mito, o que era uma mancha branca na cabeça pode ter se tornado manchas (ou listras) brancas pelo corpo, enquanto a ideia de “realeza” do basilisco fora ganhando importância ao ponto do que fora “uma marca branca” se tornar uma coroa ou crista em formato que lembrasse uma coroa. O fato de certos *ureaus*, por vezes, serem retratados com coroas pode também ter contribuído para esse desenvolvimento (ALEXANDER, 1963, p. 170). Nesse sentido, o conjunto de elevações na cabeça do basilisco em *Harry Potter a Câmara Secreta* (Chris Columbus, 2002) pode ter relacionamento com isso, contribuindo para uma ideia de uma “realeza” da besta, como se houvesse uma superioridade do basilisco para com outros seres nocivos, mantendo uma ideia, como nos bestiários analisados, de “rei das coisas rastejantes”.

É difícil afirmar se a besta dos filmes tem preferência por viver em lugares secos como nos bestiários analisados, visto que, à exceção de quando é invocado para matar algum aluno de origem “mestiça”, ele vive na Câmara Secreta, provavelmente dentro da estátua de Salazar Sonserina, cujo interior não é mostrado.

Como afirma Alison Syme, “a respiração tem uma importância simbólica nos bestiários (SYME, 1999, p. 164-165, tradução nossa)”, sendo por vezes responsável por dar a vida ou por sufocá-la<sup>44</sup>. Embora não possa queimar criaturas com “sua boca (ABERDEEN..., 2015, fôlio 66R, tradução nossa)<sup>45</sup>” ou as consumir “à distância por sua respiração ardente (BARBER, 1999, p. 184, tradução nossa)<sup>46</sup>”, no filme é ainda mantido outro meio que o basilisco teria de matar suas presas: seu poderoso veneno. Sem causar hidrofobia ou “enlouquecer” suas vítimas, de acordo

---

<sup>43</sup> “a white crown-like mark”

<sup>44</sup> “Beath has symbolic importance in the bestiaries”.

<sup>45</sup> “burnt up and devoured in its mouth”.

<sup>46</sup> “consumed at a distance by his fiery breath and then swallowed”.

com as memórias de Tom Riddle/Lord Voldemort, após Harry ter sido contaminado pelo mesmo, o veneno da besta<sup>47</sup> seria capaz de o matar rapidamente<sup>48</sup>.

Vale analisar também a dualidade presente na disputa entre o protagonista, Harry Potter, representando o “bem”, que conta com o auxílio da fênix chamada Fawkes, enquanto o antagonista, as memórias de Tom Riddle/Lord Voldemort, representando o “mal”, conta com o auxílio do basilisco. Tomando como referência o último parágrafo da parte sobre o basilisco presente na tradução que Barber faz do MS. Bodley 764 (BARBER, 1999, p. 185), temos que no medievo o basilisco era associado diretamente ao mal e, para além disso, ao próprio Diabo. Tal figura “nociva” poderia, assim como todos os males, ser derrotada então pelos “soldados de Cristo”, os verdadeiros fiéis cristãos. Embora não seja possível colocar Harry diretamente enquanto um “soldado de Cristo”, é ele aquele que em tal dualidade representa a oposição ao “mal”, sendo responsável por, através de sacrifícios (quase lhe custando a vida), matar o basilisco e derrotar aquele que o controlava, as memórias de Tom Riddle/Lord Voldemort, impedindo que novas petrificações ou vítimas fatais pudessem voltar a ocorrer. Nesse embate, a figura da fênix, comumente associada a Cristo em bestiários da Idade Média<sup>49</sup>, é responsável por garantir a Harry a arma que ele utiliza para dar o golpe final no monstro, a espada de Godric Grifinória, assim como é a própria ave que cega a basilisco, o impedindo de petrificar ou matar o protagonista (e quaisquer outros mais).

É Syme que, ao abordar sobre as relações de tabus presentes nas metáforas animais dos bestiários, elucida certos aspectos sobre a significação dos olhos e da cegueira. Abordando a teoria psicanalítica, o autor nos fala sobre os olhos, assim como o pênis expressarem “masculinidade ativa, força vital agressiva”. Assim como os genitais, no pensamento do medievo os olhos também seriam uma “fonte de pecado (SYME, 1999, p. 168, tradução nossa)<sup>50</sup>”, devido através deles, à realidade poder se tornar uma distração para a espiritualidade. A cegueira assumiria então, tanto em bestiários quanto até na Bíblia, o papel de uma das representações simbólicas da castração. Para além de olhos que permitissem escapar da espiritualidade, no caso do basilisco eram olhos que traziam a própria morte. Podendo ser a cegueira da besta no filme analisado ser entendida como uma limitação daquela que era então sua principal fonte de pecados.

No filme não há menção há algum “ponto fraco” do basilisco, um animal capaz de “conquistá-lo”, como são as doninhas que aparece no *Aberdeen Bestiary* e no MS. Bodley 764. Tendo em vista que essa pesquisa se propõe a analisar o filme *Harry Potter e a Câmara Secreta* (Chris Columbus, 2002) e não a obra literária homônima (originalmente publicada em 1998)<sup>51</sup>,

---

<sup>47</sup> O veneno do basilisco tem poder tamanho para destruir objetos mágicos quase indestrutíveis, como as Horcruxes, que são melhor exploradas nos três últimos filmes da saga: *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (David Yates, 2009), *Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 1* (David Yates, 2010) e *Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 2* (David Yates, 2011).

<sup>48</sup> O personagem é salvo pelas lágrimas curativas de Fawkes, a fênix do Diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, Albus Dumbledore.

<sup>49</sup> Para entender melhor a relação entre a fênix retratada em bestiários medievais e a figura de Cristo, ver: MERNIER, 1989; HASSIG, 1995; JONES, 1999.

<sup>50</sup> “active male, aggressive life-force (...) a source of sin”.

<sup>51</sup> Em território brasileiro teve sua primeira edição em 2000, pela Editora Rocco.

não será aprofundada, mas apenas mencionado, na qualidade de acréscimo de informação, que no citado livro o canto dos galos, animal nada relacionado às doninhas dos bestiários, é mortal para o basilisco. Tendo inclusive as memórias de Tom Riddle/Lord Voldemort controlado a aluna, então no primeiro ano, Ginevra “Gina” Weasley, para que, dentre outras coisas, matasse os galos de Rúbeo Hagrid, guarda-caça da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, o qual residia no terreno da mesma. Dentre a bibliografia mobilizada para essa pesquisa, o único autor que nos traria algo assim seria Cláudio Eliano (175 – 235 E.C.), que em seu *De Natura Animalium* relata que o basilisco, ao ouvir o canto de um galo, seria tomado por convulsões e morreria (CLAUDIO ELIANO, 1958, Livro 3, Capítulo 3).

### **Considerações finais: História Pública enquanto possibilidade de ferramenta para o fazer histórico**

Não pode ser afirmado que a equipe criativa dos filmes ou mesmo Rowling, no livro que dá origem ao filme analisado, tiveram intenções de se reapropriarem de bestas utilizadas de modo maior ou menor embasado em pesquisas historiográficas. Ainda assim, como defende Santiago Júnior, e como também já fora exposto na primeira parte desse artigo: As obras da sétima arte não precisam ter a intenção de reproduzir uma narrativa fiel à historiografia para que os filmes tenham um “senso de passado”, mesmo que mínimo, presente. A relação entre as imagens, os diálogos e a própria narrativa cinematográfica contribuem para que discursos de História Pública sejam agregados no filme (2018, p. 52).

Para além da exploração de certo potencial histórico do filme *Harry Potter e a Câmara Secreta* (Chris Columbus, 2002) para com uma História Pública sobre aspectos da Idade Média, temos também o reforço da ideia dos bestiários como materiais de múltiplas funções. Como traz Syme, esse tipo de obra que “funcionou simultaneamente como uma coleção de sabedoria animal, um guia para a espiritualidade e manual de medos primais” das populações de sua época. Não pode ser perdida de vista a “função didática” dos bestiários, que o mesmo autor também nos aponta, de facilitar a comunicação de “ideias e medos (SYME, 1999, p. 174, tradução nossa)”<sup>52</sup> através das imagens. E, para além disso, as potencialidades que essas fontes tão pouco exploradas no Brasil, tem para com os diferentes recortes temporais e o próprio universo de possibilidades que trazem para a História Pública.

Essa pesquisa contribui para o entendimento da História Pública e os distintos materiais por ela produzidos, a exemplo de um universo fantasioso como o criado por Rowling, enquanto possibilidades didáticas de explorações históricas que possam ser úteis para o trabalho historiográfico (e, quem sabe, até outras áreas mais). Filmes, como o aqui explorado, se apresentam enquanto instrumentos que facilmente despertaram o interesse das pessoas, inclusive para além dos muros da academia, sobre elementos, como os narrados pelos bestiários.

---

<sup>52</sup> “functionated simultaneously as a collection of animal lore, a guide to spirituality, and handbook of primal fears”.

A História Pública, mesmo que ainda recente no Brasil, vem se demonstrando enquanto uma possibilidade de metodologia de pesquisa e de utilização didática a ser melhor explorada em trabalhos futuros. A de se aprofundar como melhor a trabalhar enquanto um instrumento de auxílio ao trabalho historiográfico, seja na academia ou enquanto recurso didático para as salas de aula.

### Fontes

ABERDEEN University Library, Univ. Lib. MS 24. Tradução: GAULD, Morton; McLAREN, Colin. 2015. Disponível em: <https://www.abdn.ac.uk/bestiary/>. Acesso em 08/07/2020.

BARBER, Richard. **Bestiary**: Being an English Version of the Bodleian Library, Oxford MS Bodley 764. Woodbridge: Boydell & Brewer Ltd., 1999.

BODLEIAN Library, MS. Bodley 764. Disponível em: [https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript\\_1750](https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_1750). Acesso em 08/07/2020.

CLAUDIO ELIANO. **De Natura Animalium**. Tradução para o inglês: SCHOLFIELD, A.F. online: Atallus, 1958. Disponível em: <http://www.attalus.org/info/aelian.html>. Acesso em 08/07/2020.

HARRY Potter e a Câmara Secreta. Direção por Chris Columbus. Produção por David Heyman. Alemanha-Reino Unido-Estados Unidos: Warner Bros. Productions Ltd., 2002.

ISIDORO. **The Etymologies of Isidore of Seville**. Tradução para o inglês: BARNEY, S. A.; et al. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

ROWLING, J. K. Harry Potter e a Câmara Secreta. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

### Referências bibliográficas

ALEXANDER, R. The Evolution of the Basilisk, **Greece & Rome**. Cambridge, v. 10, n. 2, p. 170-181, out. 1963.

ASHTON, John. **Curious Creatures in Zoology**. Londres: John C. Nimmo, 1890.

BORGES, Dandriel. Harry Potter e Bestiários: A fênix enquanto representação do “Salvador”. **Revista Discente Ofícios de Clio**, Pelotas, v. 4, p. 144-156, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/CLIO/article/view/16279/0>. Acesso em 08/07/2020.

BORGES, Dandriel. A fênix vs. o basilisco: 'bem' vs.'mal': Dos bestiários à Harry Potter. In: ENCONTRO FLUMINENSE DE TEORIA DA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA, 2., 2019, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...**, Rio de Janeiro: UFRJ, 2020, p. 21-29. Disponível em: <https://encontrofluminensedeteoria.weebly.com/anais.html>. Acesso em 08/07/2020.

BRUNA, Maria. Raiva humana (hidrofobia). **Drauzio Varella**, online, 10 ago. 2017. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/raiva-humana-hidrofobia/>. Acessado em 08/07/2020.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. Qual a relação entre a história pública e o ensino de História? In: BORGES, Viviane Trindade; MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo. **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 29-38.

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História**: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 199-215.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média**: Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2006.

GRAY, Brandon. 'Harry Potter' Potent with \$88.4 Million Weekend. **Box Office Mojo**, online, 17 nov. 2002. Disponível em: [https://www.boxofficemojo.com/article/ed896795652/?ref\\_=bo\\_at\\_a](https://www.boxofficemojo.com/article/ed896795652/?ref_=bo_at_a). Acessado em 08/07/2020.

HASSIG, Debra. **Medieval Bestiaries**: Text, Image, Ideology. Cambridge-New York-Oakleigh: Cambridge University Press, 1995.

JONES, Valerie. The Phoenix and the Resurrection. In: HASSIG, Debra (Ed). **The Mark of the Beast**: The Medieval Bestiary in Art, Life, and Literature. New York-London: Garland Publishing, Inc., 1999, p. 99-115.

LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? In: ALMEIDA, Juniele R. de; ROVAL, Marta G. de O. (Org.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 31-52.

MCCARTHY, Todd. Harry Potter and the Chamber of Secrets. **Variety**, online, 7 nov. 2002. Disponível em: <https://variety.com/2002/film/reviews/harry-potter-and-the-chamber-of-secrets-1200544941/>. Acessado em 08/07/2020.

MERNIER, Guy R. The Phoenix: Its Natures and Its Place in the Tradition of the Physiologus. In: CLARK, Willene B.; McMUNN, Meradith T. (Ed.). **Beasts and Birds of the Middle Ages**: The Bestiary and Its Legacy. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989, p. 69-87.

MEYER, Katie. Harry Potter's \$25 Billion Magic Spell. **Money**, online, 6 abr. 2016. Disponível em: <https://money.com/billion-dollar-spell-harry-potter/>. Acesso em 08/07/2020.

ROSENSTONE, Robert. **A história nos filmes, os filmes na história**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 2010.

SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das C. F. Fragmentos patrimoniais do passado: O campo cinematográfico apropriando-se da história pública. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; MENESES, Sônia. (Org.). **História pública em debate**: Patrimônio, educação e mediações do passado. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 51-72.

SCOTT, O. A. FILM REVIEW; An Older, Wiser Wizard, But Still That Crafty Lad. **The New York Times**, online, 15 nov. 2002. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2002/11/15/movies/film-review-an-older-wiser-wizard-but-still-that-crafty-lad.html>. Acessado em 08/07/2020.

SYME, Alison. Taboos and the Holy in Bodley 764. In: HASSIG, Debra (Ed). **The Mark of the Beast**. The Medieval Bestiary in Art, Life, and Literature. New York-London: Garland Publishing, Inc., 1999, p. 163-184.

TURAN, Kenneth. 'Harry Potter and the Chamber of Secrets'. **Los Angeles Times**, online, 15 nov. 2002. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20071011073414/http://calendarlive.com/movies/reviews/cl-et-turan15nov15,0,1767241.story>. Acessado em 08/07/2020.

Artigo recebido em 05/04/2020 e  
aprovado para publicação em 21/07/2021